

ENTREVISTA

“QUEM COMPRA ABSTRAÇÕES AJUDA A VELAR O CONCRETO”

Entrevistada Profa. Dra. Maria Elisa Cevasco
Entrevista concedida a Evanildes Teixeira da Silva¹



Fonte:
<https://www.facebook.com>

Maria Elisa Burgos Pereira da Silva Cevasco, da área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), atua como professora associada de Estudos Culturais e Literaturas em Língua Inglesa. Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (1985) e doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (1989), ambos pela USP. O Pós-doutorado pela USP (1999) e pela Duke University, DUKE, Estados Unidos (1992).

Em relação à pesquisa, ela tem se dedicado aos seguintes temas: estudos de cultura, Fredric Jameson, cultura e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, Alagoinhas (BA). Linha 1 — Margens da Literatura. Endereço eletrônico: evanildesteixeira@gmail.com.

sociedade, Raymond Williams e teoria materialista. Publicou vários capítulos de livros e artigos em periódicos nacionais e estrangeiros, além de 10 livros de sua autoria e co-editoria. Alguns de seus livros: *Para ler Raymond Williams* (2001), *Dez Lições sobre Estudos Culturais* (2003), a co-editoria *Crítica Cultural Materialista*. Recebeu o Prêmio Jabuti, Câmara Brasileira do Livro (2004).

A pesquisadora comenta nesta entrevista a produção simbólica e o capitalismo, as perdas do potencial crítico quando se deixa de tensionar o capital e reflete sobre os novos significados da crítica cultural marxista. Considera o potencial da arte e a relevância da descrição, análise cultural, essenciais para entender como a sociedade capitalista funciona, evidenciando que o conhecimento histórico é necessário para construir outro mundo possível.

Leitora e leitor, sintam-se à vontade para participar deste diálogo.

Silva: Em que medida a crítica cultural latino-americana no atual estágio do capitalismo tem questionado o funcionamento da máquina?

Cevasco: Não sou especialista em crítica cultural latino americana. Conheço, por interesse e dever de ofício, a crítica cultural materialista brasileira, e, mais especificamente, a crítica dialética que se formou a partir do trabalho de Antonio Candido e sua continuação no de Roberto Schwarz. Nas obras desses pensadores, a crítica se configurou como um eficiente instrumento de descoberta da realidade sócio-histórica de nosso país. Elementos que eram pouco conhecidos de nossa estruturação social ficaram mais evidentes a partir do modo como eles analisam a produção cultural. É bem conhecida a descrição de Antonio Candido da sociedade brasileira no período colonial, mas com repercussões até nossos dias, como formada a partir de um movimento dialético entre a ordem e a desordem. Ele vê esse princípio estru-

turante na forma do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, e mostra como esse movimento define nossa sociedade. Mais recentemente, Roberto Schwarz discute as formas possíveis de integração do Brasil em um mundo globalizado através da leitura da recepção contemporânea de Machado de Assis como integrante de um cânone universal. Ele detalha os preços que devem ser pagos, em especificidade histórica e particularidades do nosso modo de vida periférico, para se tornar universal. Acho que este modo de praticar a análise cultural nos fornece um tipo de conhecimento sobre como opera a sociedade capitalista que é uma efetiva contribuição ao pensamento crítico.

Silva: A Sra. tem afirmado que na versão pós-moderna os estudos culturais têm relativizado o capitalismo através da atenuação do seu potencial interventivo. Quais são as perdas da teoria política quando deixa de tensionar o capital?

Cevasco: A perda mais clara é a do potencial crítico: se não tensiona a situação social em que se dá, que a estrutura e a que ela deve opor uma visada “do contra”, a crítica adere e passa a reforçar o vigente. Um exemplo, continuando o que falei acima: se “comprar” a versão do cânone ocidental como a reunião, em pé de igualdade, dos grandes escritores da humanidade, os que foram capazes de atingir uma visão universal, o crítico deixa de ver que o sistema capitalista não cria igualdades, e que é de seu interesse apagar essa desigualdade constitutiva sob formulações vazias como “universal” ou “humanidade”. Sempre que ouço argumentos que evocam nossa humanidade comum, me lembro de Gandhi que, ao ser perguntado o que achava da civilização inglesa disse “Acho que seria uma boa ideia”. Na esteira desse ensinamento, eu diria que “humanidade” seria uma excelente ideia, irrealizável nos termos do nosso modo de vida. Quem compra abstrações ajuda a velar o concreto.

Silva: De que maneira as produções simbólicas estão imbricadas nas relações de mercado?

Cevasco: Desde os anos 1940, quando Adorno e Horkheimer cunharam o termo “indústria cultural”, ficou claríssimo que a cultura, longe de constituir uma esfera separada da esfera da produção material, está totalmente inserida no mercado e, muitas vezes, corrobora sua lógica, em seu papel de veículo da hegemonia. Mas isso não implica que é impossível criticar o mercado a partir da produção cultural.

Silva: Em que medida a produção cultural dos grupos minoritários pode ser considerada como potencial e possibilidade de combate e intervenção à lógica do capital?

Cevasco: Eles tendem a apresentar uma versão diferente do modo de vida hegemônico e deste modo o interrogam e desestabilizam. Mas vale lembrar que o capital tem sido mestre em integrar a seus valores os grupos minoritários que o interessam. Um caso bastante estudado é o do movimento gay, que foi muito bem sucedido em desmontar preconceitos — claro que, infelizmente, muitos desses ainda persistem — e conquistar direitos, o casamento homossexual é um exemplo, mas ainda assim, não há um ganho de efetiva igualdade no interior da própria comunidade gay, onde os gays de classe média tendem a ser muito mais bem aceitos que os de classes mais pobres. O crítico britânico Alan Sinfield em um excelente livro, *Gay and After: Gender, Culture and Consumption*, publicado em 1998, celebra os ganhos do movimento gay em termos de criar uma fenda na sociedade patriarcal e homofóbica, mas lembra que é preciso ir além e interrogar o sistema que produz desigualdade.

Silva: A lógica cultural do capitalismo tardio seria dispositivo simbólico para viabilizar o imperialismo econômico? Ou viabilizar o irracionalismo do imperialismo econômico?

Cevasco: Foi o crítico norte-americano Fredric Jameson que primeiro nos chamou a atenção para uma das “novidades” do período pós-moderno, que é geralmente datado a partir dos anos 1960. Segundo ele, desde então, vivemos uma situação qualitativamente nova que se caracteriza pela predominância do cultural sobre todas as outras esferas da vida social. Para ele, vivemos um momento em que tudo é mediado pelo cultural. Basta lembrar aqui o papel fundamental na política dos marqueteiros, que mais do que explicitar as propostas políticas dos candidatos se especializam em torná-los uma personagem. Para ele, o cultural colonizou todas as esferas da vida, até mesmo a natureza, e o inconsciente, bombardeado pela propaganda que tenta moldar nosso desejo. Claro que a cultura é, como já disse acima, veículo da hegemonia, um dos elementos que azeitam o funcionamento do sistema, e esse aspecto fica potencializado na era pós-moderna. Mas isso, repito, que não significa que a cultura também possa ter papel crítico e nos fazer ver o quanto nosso modo de vida precisa ser modificado. O próprio Jameson defende que nenhuma produção cultural pode prescindir de um traço utópico, de algo que aponte para outro modo de vida. Este traço nos ajuda a ver a limitação do mundo tal qual o temos e pode educar nosso desejo.

Silva: De que modo a crítica cultural marxista pode construir novos significados para a estrutura da nossa sociedade?

Cevasco: Toda construção cultural trabalha com formas sociais de base, a que dão tratamento e visibilidade. Por isso que a crítica materialista assinala o potencial cognitivo da arte: se destrincharmos sua forma, ganhamos um conhecimento novo da sociedade que forma e informa a construção artística. Esse conhecimento nos possibilita ver o que a ideologia e o senso comum mascaram. Antes de saber por onde mudar o mundo, é preciso descrevê-lo. Lembro aqui uma frase do historiador britânico Ralf Samuel, adaptando a

famosa tese de Marx de que os filósofos apenas interpretam o mundo de várias formas, a questão é mudá-lo: para Samuel, produto de uma era em que a revolução está longe do horizonte discernível, diz que “Se não podemos mudar o mundo, podemos pelo menos tentar explicá-lo”. Acho que esta é uma contribuição importante da crítica materialista de nossos dias.

Silva: No momento presente há uma retomada de Raymond Williams na Associação Internacional dos Estudos Culturais. A Sra. pode falar um pouco sobre este retorno de Raymond Williams no cenário internacional? É possível vislumbrar a atuação efetiva da crítica cultural nos movimentos sociais nos dias de hoje? O que isso requer do crítico cultural?

Cevasco: Williams morreu em 1988, em plena era neo-liberal. Fazia quase dez anos que Margareth Thatcher havia dito a frase famosa, “Não há alternativa” ao que existe. Esta frase marca o giro neo-liberal que ia se espalhar por diferentes países, incluindo, é claro, o Brasil. Williams, cuja obra sempre se pautou por buscar derrotar os significados e valores de uma sociedade capitalista, fez uma conferência, dois anos antes de morrer, que está publicada no livro *Política do Modernismo: contra os novos conformistas*. Nessa conferência, sobre o futuro dos estudos culturais, ele reconta como essa disciplina começou fora dos muros acadêmicos, na educação para adultos. O fundamental da nova disciplina era “reunir o melhor do trabalho intelectual e o levar, de forma bem aberta, para um confronto com pessoas para as quais ele não é um estilo de vida ou um treinamento profissional, mas um assunto de seu interesse intelectual, de seu entendimento das pressões a que são submetidos, pressões de todos os tipos, da mais pessoal a mais amplamente política.” (São Paulo, Editora Unesp, pp. 186-187). Claro que tanto a inserção da disciplina nas universidades, quanto a sua prática durante os tristes tempos do neo-liberalismo afetaram o projeto. Vale lembrar que Williams, mostra, nesta conferên-

cia, pleno conhecimento das mudanças que vão se operando no projeto original dos Estudos Culturais. A entrevista pode ser lida como um chamado para que se mantenha a radicalidade que estava na origem da disciplina. Mas os anos 90 assistiram a domesticação do projeto, lembro-me de uma observação particularmente infeliz de uma pensadora britânica que se refere ao capitalismo desses tempos, que dava passos largos para se espalhar por todo o globo, como algo “mais frágil” do que nós na esquerda costumávamos considerar e que o sistema abria muitas possibilidades políticas! Nos anos 2000, em especial após a grande crise econômica de 2008, ficaram de novo evidentes os efeitos nocivos da sociedade capitalista e houve um retorno à Williams. Espera-se que este retorno sirva para revitalizar os estudos culturais e colocá-los na trilha da oposição a este modo de vida.

Silva: Os cursos de Letras se modificaram a partir dos últimos anos da década de 70 e início dos anos 80 no Brasil. Os estudos literários na perspectiva do pensamento analítico estrutural são desestabilizados com a vertente dos estudos culturais e políticas na defesa dos direitos. Passados esses anos, quais são os desafios para as instituições literárias (cursos de Letras, associações de escritores, Abralic, editoras alternativas etc.)?

Cevasco: O crítico britânico Terry Eagleton costuma lembrar que dizer “a crise das humanidades” é uma tautologia. Como o campo que estuda a produção de significados e valores de uma determinada sociedade, ele está sempre em crise, e assim estará até que tenhamos uma sociedade reconciliada. Sempre há desafios para esse tipo de estudo, e nos dias não são uma exceção a esta regra. O desafio maior hoje é manter a relevância e continuar a ensinar que, assim como as grandes obras de arte, um dos assuntos das humanidades, é preciso interrogar nosso modo de vida e apontar suas pressões e limites.

Silva: Que mensagem a Sra. deixa para os pesquisadores e leitores da Grau Zero que ainda têm esperanças no projeto interventivo dos estudos culturais?

Cevasco: Para intervir no presente é preciso entender como ele se formou historicamente. Acredito que é fundamental apoiar-nos naqueles que nos precederam nessa tarefa. Estudar a tradição crítica é o primeiro grande passo. O mapeamento do mundo que eles nos legaram deve ser atualizado e ampliado, de forma que também a nossa geração, a que viveu no tempo do refluxo dos impulsos de mudança, possa legar às seguintes os “recursos para uma jornada de esperança”, para falar como Williams.

Silva: Obrigada pela disponibilidade e atenção!